

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA NACIONAL ESCOLA DE GESTORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO ESCOLAR

ROSELAINE PORTO MAIA

O OLHAR DA CRIANÇA E O ENXERGAR DO ADULTO
– A participação das crianças na construção de um projeto político
pedagógico em uma escola de educação infantil

Porto Alegre

2015

ROSELAINÉ PORTO MAIA

O OLHAR DA CRIANÇA E O ENXERGAR DO ADULTO
– A participação das crianças na construção de um projeto político pedagógico em uma escola de educação infantil

Trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Gestão da Educação do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Maria Raquel Caetano.

Porto Alegre

2015

RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise teórica e reflexiva de um Projeto de Intervenção(PI) em uma Escola Municipal de Educação Infantil(EMEI) do município de Porto Alegre, sobre a maneira inédita naquela realidade, que as crianças de uma turma de Jardim B, não só participaram mas atuaram como protagonistas, assim como todos os outros sujeitos da comunidade escolar, da construção do Projeto Político Pedagógico da Escola no ano de 2015. Este Projeto de Intervenção foi proposto como culminância do Curso de Especialização em Gestão Escolar da UFRGS. O processo de implementação deste PI, foi conduzido de forma a valorizar os saberes e desejos de todos nas construções de singularidades e tomadas de decisões, garantindo ao processo legitimidade e respeitando os princípios de transparência, participação coletiva e responsabilidade política e social. O referencial teórico foi estabelecido a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, das Diretrizes Nacionais Curriculares para a Educação Infantil, da Constituição Federal, do Estatuto da Criança e do Adolescente e de autores como Maria Carmem Barbosa, Zilma Moraes e Victor Paro entre outros. A fundamentação metodológica deu-se através da pesquisa-ação, de entrevistas além de outros registros feitos com as crianças e membros da Comunidade Escolar.

Palavras-chave: Projeto Político Pedagógico. Gestão democrática. Protagonismo Infantil. Escola de Educação Infantil.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	4
2 DIAGNÓSTICO	5
3 REFERENCIAL TEÓRICO	7
3.1 Fundamentos da EMEI.....	10
4 METODOLOGIA	12
5 AÇÕES ANALISADAS	20
5.1 O Que encontrei no início da jornada	20
5.2 O Que era preciso mudar	22
5.3 Minha proposta de ação	23
5.4 O Processo de mudanças	24
5.5 Um caminho a seguir	25
6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	26
REFERÊNCIAS	30

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho traz o caminho percorrido na construção de um Projeto Político Pedagógico (PPP) alicerçado nos princípios da Gestão democrática em uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) de Porto Alegre/RS e como o Projeto de Intervenção (PI) desta pesquisadora-autora e vice-diretora da escola, proporcionou a participação de fato das famílias e principalmente das crianças da turma Jardim B, na leitura da realidade, tomada de decisões e propostas de qualificar aquele espaço de cuidar e educar, ambos indissociáveis um do outro.

Este PI surgiu inicialmente da queixa coletiva dos educadores pelo sentimento da desvalorização desta EMEI e da própria Escola de Educação Infantil na sua essência, vista por muitos como um lugar apenas de cuidados, sem vínculo com o educar. Enquanto as discussões para o próprio PPP iam acontecendo, ficou claro para esta pesquisadora, que não haveria a participação de todos de fato nem muito menos gestão democrática, se os principais protagonistas de todo o processo, as crianças, não trouxessem o seu olhar sobre a sua própria escola para as discussões.

Com a mudança do foco da queixa dos adultos para o olhar das crianças, surgiram as primeiras dúvidas: Como pensar no queríamos para nossa escola se não sabíamos quem éramos e o que tínhamos que fazer para descobrir? A partir desse momento, a escola perguntou-se: Qual era a nossa ideia de criança, infância, educação infantil, entre tantos outros fundamentos essenciais para a construção do nosso PPP?

Para iniciar este processo, a escola considerou o que Veiga (2013) define como sendo PPP:

O projeto político pedagógico é o documento da identidade educativa da escola que regulariza e orienta as ações pedagógicas. [...] A ideia – chave do projeto é construir a unidade no diverso, considerando o coletivo em suas dimensões de qualidade técnico-política e de democracia participativa (VEIGA, 2013, p.163).

Com a certeza de que nada mudaria sem mobilização de todos, expus aos diversos segmentos da escola (professores, pais, alunos¹ e funcionários), qual seria a proposta do meu PI e convidei-os a fazerem parte do processo.

¹ Nas Escolas de Educação Infantil do município de Porto Alegre, as crianças com menos de 12 anos são representadas pelos seus pais ou responsáveis.

2 DIAGNÓSTICO

A referida Escola Municipal de Educação Infantil(EMEI) está localizada no Município de Porto Alegre, no Bairro Jardim Itú Sabará, aos fundos de um Condomínio Residencial e o diagnóstico a seguir, é um recorte da atualização do PPP antigo da escola feito por essa pesquisadora, e que será encaminhado ao Conselho Municipal de Educação para aprovação ao término do processo de elaboração do mesmo.

O acesso à Escola passa por um portão específico de carros e não pela portaria do condomínio. Para chegar na escola, somente pode ser usado, tanto pela comunidade como pelos funcionários, o corredor central.

Nas proximidades há um Posto de Saúde, ligado ao Hospital Conceição; supermercados, lojas de comércio e alimentação.

Algumas famílias das crianças atendidas, residem no próprio Condomínio e as demais, em Vilas próximas. A maioria dos familiares, de classe média baixa, trabalha (muitos informalmente) no comércio, em serviços gerais, como diaristas e vigilantes, na construção civil, prestadores de serviço como manicures e autônomos. Grande parte dessas famílias, têm a mulher – mães e/ou avós como a principal provedora, enquanto alguns pais encontram-se ausentes. Os moradores do condomínio, possuem um nível sócio econômico melhor, com mais estabilidade de emprego e melhor remunerados. A maior parte dos familiares das comunidades mais carentes, não terminou o Ensino Fundamental, alguns cursaram parte do Ensino Médio ou concluíram esta etapa. O Ensino Superior é o desejo dos pais para seus filhos, mas raramente a realidade dos mesmos.

As crianças atendidas pela escola estão na faixa-etária de 01 ano até 05 anos e 11 meses de idade. Elas vêm à Escola trazidas pelos pais, parentes ou de transporte escolar. A maioria chega a pé, mas alguns utilizam carro ou ônibus. Para as crianças, a Escola (ou creche como dizem) “é o lugar onde ficam para os pais poderem trabalhar e comprar coisinhas para elas”.

As expectativas das famílias com relação à escola são que as crianças se alimentem, aprendam tudo, saibam escrever seu nome, se preparem para ensino fundamental e tenham um espaço para ficarem durante o dia enquanto às famílias trabalham(daí a ideia similar das crianças).

Muitos dos pais e mães das crianças da escola atualmente, já a frequentaram em anos anteriores, isto é, nossas crianças são filhos, irmãos, primos, sobrinhos e netos de familiares que já foram alunos dessa Escola. Esse retorno de tempos em tempos, se traduz em uma relação de confiança na Escola por parte das famílias. Observa-se, entretanto que a comunidade ainda valoriza mais o cuidar, em detrimento do educar. A participação das famílias na vida escolar se dá em reuniões de pais e festividades da escola. A participação no Conselho Escolar tem sido mais efetiva em alguns anos, como na atual gestão diretora e em outros, com menor interesse.

A relação com o condomínio é difícil, pois a administração quer a retirada definitiva da Escola de dentro da sua área ou que a entrada seja externa, pois atualmente as famílias e educadores passam pelo portão de acesso de carros e pelo corredor central para acessar a Escola.

A articulação com as instituições, como por exemplo, os Postos de Saúde, o Projeto Ação Rua, as Escolas de Educação Especial da PMPA e o Conselho Tutelar é significativa para aprofundar a visão da equipe em relação à realidade das famílias, assim como realizar trocas para ampliar e qualificar o atendimento às crianças.

O desafio da equipe da Escola e da equipe diretiva, é proporcionar às crianças e suas famílias, uma educação de qualidade nesse espaço onde elas possam ser felizes, aprender e se desenvolverem de forma integral e crítica, buscando mudanças nos indivíduos e na própria sociedade.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Considerando a realidade da EMEI no ano de 2015, no momento em que seria necessário rever e atualizar seu PPP, escolhi como Projeto de Intervenção(PI), a participação das Crianças(turma Jardim B) nos processos democráticos da Escola, ou seja, a sua participação na construção do PPP.

O momento pedia uma clareza de papéis. Quem éramos e quem pensávamos que deveríamos ser, sem esquecer claro, para quem, como e por que seríamos tudo isso, e não deixando de fora os referenciais teóricos oficiais que precisávamos dar conta. Depois de muita discussão na escola, as diversas conversas que tive com minhas orientadoras tanto da especialização em Gestão Escolar como a minha assessora pedagógica da SMED, percebi que não adiantava só procuraras respostas nas mais modernas teorias, se não soubéssemos realmente quem eram as nossas crianças .

Os fundamentos que justificavam essa ideia de uma criança protagonista do seu próprio processo de aprendizagem, bem como do espaço de Educação Infantil, estavam das Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação Infantil, e especificamente na Resolução 005/2009. Além desses, fizemos uma retomada do Projeto Político Pedagógico da EMEI, 2011. Nos referenciais oficiais, encontramos a fundamentação para a criança como centro de todo o processo de aprendizagem, do espaço destinado a ela, a Escola de Educação Infantil e da própria infância. Já no PPP vigente até aquele momento, algumas concepções encontravam-se desatualizadas em relação às respectivas leis.

Com todas aquelas ideias fervilhando nas nossas mentes, tínhamos ali, o momento mais difícil até então: escrever os nossos fundamentos que serviriam para apresentar para quem chegasse, ou mesmo lembrar e reavaliar sistematicamente, a forma de pensar e agir da EMEI de uma maneira que a teoria e a prática, fossem o retrato uma da outra.

Para seguir adiante, priorizamos nas formações mensais, momentos onde todos os educadores que faziam parte do cotidiano da escola pudessem ouvir e serem ouvidos na construção do PPP. Outras experiências foram trazidas para ampliar nossos conhecimentos e elucidar alguns questionamentos sobre como o “bonito e teoricamente correto” dos referenciais, poderia transpor a barreira do impossível(realidade da escola) e se fazer vivência de fato. Encontramos algumas

respostas em um material do Instituto Avisalá (2011), que traz a bem sucedida experiência da implementação das práticas educativas das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEI(2009) em municípios do interior do estado do Maranhão quando teve como prioridade uma organização curricular voltada para as crianças.

Conforme a definição do artigo 4º das DCNEIs, a criança:

É um sujeito histórico, e de direitos que, nas interações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentido sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

Enquanto buscava novos conhecimentos, especialmente sobre a escola infantil, fui me dando conta que as famílias não veem o conceito “Creche” da mesma maneira pejorativa que alguns de nós profissionais da educação. A creche na verdade, é a primeira etapa da educação infantil e finalmente passou a ser olhada com mais atenção. Na resolução 004/01 do Conselho Municipal de Educação de Porto Alegre, fica clara a necessidade da valorização desta etapa e da própria infância, além do rompimento com a ideia ultrapassada desse espaço pensado por poucos para muitos e refletido na prática como um depósito de crianças, pobres na maioria. A população em geral, que não tem esse entendimento, e na sua grande maioria é o produto da mesma educação precária que tentamos combater hoje.

Como já foi apontado no nosso diagnóstico, algumas crianças da EMEI, foram filhos e até netos dos primeiros alunos da Vale Verde quando a escola ainda eram um clube de mães. Cabe a nós, profissionais da educação orientar quem não sabe a respeito da nossa função como espaço de cuidado e educar. Isso se faz, mostrando a todos, um trabalho de qualidade, que ultrapasse os muros da escola e amplie não só o conhecimento das crianças, mas também das famílias e da comunidade.

A transformação das idéias elencadas por todos os representantes da comunidade escolar e a articulação destas com os referenciais teóricos oficiais, ficaram ao meu encargo como coordenadora pedagógica da escola.

Na imagem abaixo, FRATO(alter ego de Francesco Tonucci,2008) retratou o maravilhamento que deve fazer parte da Escola de Educação Infantil.

Figura 1 – Alter ego



Fonte: Disponível em: <<http://4.bp.blogspot.com/-wAtOocN0cA/VYwd6TV4ZZI/AAAAAAAAAGv8/wWdNSDUGZ00/s1600/frato2.jpg>>.

Através desta e de outras tantas imagens de Tonucci, reconheci os paradigmas perpetuados na nossa escola. Crianças cheias de energia enraizadas em bancos escolares, onde são contados como ingredientes de um bolo que nunca dará certo pois são diferentes dos usados por quem escreveu as receitas. Na contracapa do livro “ **40 anos olhando com os olhos de criança**” consta que “aplica golpes certos: fere, sim, mas também cura. Cura na medida que percebemos a necessidade de sermos curados”, e para fazer isso, eu teria muito trabalho pela frente dentro da proposta do meu PI, na reconstrução do PPP e de Coordenadora Pedagógica e vice- diretora da escola.

3.1 Fundamentos da EMEI

Como gestora, coordenadora pedagógica e pesquisadora, precisei arregaçar as mangas e mergulhar nos documentos orientadores oficiais para a Educação infantil: o parecer *CNE/CEB nº20/2009*, a Resolução *CNE/CNB nº5*, o Estatuto da Criança e do adolescente/ , a Lei de Diretrizes e bases(1996), a Constituição Federal(1988) e as Resoluções CME/ nº 003 e 004/2001.

Até bem pouco tempo atrás, acreditava-se que a infância era apenas uma fase da vida, com pouca importância. Acreditava-se, também, que as crianças iam para a Escola, ou melhor, “para a creche” somente para passar um tempo brincando enquanto os pais iam trabalhar. Com o advento da pós-modernidade, ambos passaram a ter maior visibilidade e preocupação por parte do Estado.

O próximo passo, foi convidar o Conselho Escolar para participar do debate e depois que ouviram toda a nossa caminhada até aquele momento, falei que nós da equipe diretiva gostaríamos muito da participação efetiva das famílias. Através de desenhos, os representantes de todos os segmentos, retrataram como seria a escola dos seus sonhos e depois conversamos sobre quais poderíamos tornar viáveis na nossa realidade.

Concordo com BARBOSA(2013) quando se refere à escola como:

Um lugar para o qual as crianças se dirigem, todos os dias, com segurança e tranquilidade para, através do acolhimento e reconhecimento dos demais, aprender a viver – fazer suas iniciações à vida comum. Um ambiente onde as pessoas compartilham as coisas simples e ordinárias do dia a dia e também geram contextos para que o extraordinário possa invadir o cotidiano (BARBOSA, 2013, p. 6).

Assim ,depois de estudar, conversar e contar com a assessoria da SMED na redação dos seus Fundamentos, a EMEI decidiu que a Escola Infantil deve ser um lugar onde todos sintam -se acolhidos e felizes de estarem ali, não importando a função que exercem. Deve ser um espaço onde o cuidar e o educar são indissociáveis; onde o encantamento seja sentido e vivido no cotidiano; onde as crianças sejam respeitadas, não importando suas cores ou sabores, seus sorrisos ou temores, seu tempo de saída ou chegada.

O contexto de uma Escola de Educação Infantil precisa ser atrativo. Não pode ser um lugar comum. Na verdade, por ser um lugar para as crianças, deve ser um lugar onde todos os processos são valorizados e onde o planejamento seja intencional por parte de quem educa, comprometido com as necessidades e interesses das crianças, dinâmico e permanentemente avaliado.

Este espaço das e para as crianças, deve fundamentar-se nos pressupostos da gestão democrática, com a participação de toda a comunidade escolar nas decisões e propostas. Nessa perspectiva, a relação com a família deve pautar-se na transparência e no respeito mútuo, pois no centro dessa relação encontra-se a criança. É tarefa da Escola, inserir as famílias, suas experiências, concepções e ideias em seu cotidiano.

No ano de 1988, a Constituição Federal afirmou que a Educação Infantil é dever do Estado e, mais tarde, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96) declarou a Educação Infantil como a primeira etapa da Educação Básica. A finalidade da Educação Infantil, segundo esta Lei (art. 29), é o desenvolvimento integral da criança de zero a cinco anos de idade em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Consideramos a criança como sujeito singular que constrói sua identidade a partir das diversas interações e experiências que têm ao longo da vida. Por meio das diferentes linguagens constrói sentidos e produz cultura. Como sujeitos de direitos, precisam ser cuidadas, sentirem-se seguras e incluídas no ambiente da Escola. Suas conquistas e seus ritmos devem ser respeitados.

O educador infantil é o mediador dos processos de aprendizagens das crianças e deve adotar como prática o respeito, o estímulo à autonomia e a valorização de todos os saberes das crianças, encorajando-as a estabelecer novas relações entre o que já conhece e o que poder vir a conhecer. Deve ser um sujeito que cria, organiza e avalia o resultado de todos esses processos de modo a refletir não só sobre o seu trabalho mas também sobre a resposta das crianças.

4 METODOLOGIA

Esta pesquisa-ação, realizada em uma escola de Educação Infantil da rede Municipal de Porto Alegre, teve como propósito, cobrir qual é a ideia que uma turma de crianças de 5 a 6 anos, o Jardim B, tinha sobre o seu papel na escola e a partir disso, incluí-la no processo de atualização do seu PPP junto aos outros segmentos da Comunidade Escolar, no decorrer de 2015. Além disso, participei não somente como observadora, mas como sujeito integrante do processo, buscando através da reflexão sobre os fatos e a fundamentação teórica que os sustentavam, a transformação da realidade.

Inicialmente, mobilizada pela queixa frequente dos educadores da escola sobre a falta de participação das famílias na vida escolar de seus filhos, como um espaço não somente de cuidado mas também de aprendizagens, resolvi sair em busca das razões para isso. A frase tanto das crianças como de alguns pais não me saía da cabeça: “Hoje tem creche”?

Creche? Eu e tantos outros profissionais da educação, trabalhava em uma Escola, havia estudado Pedagogia, seguia me qualificando e era muito mais que uma simples cuidadora de creche. Ao examinar o PPP da EMEI, constatei que assim como as primeiras creches criadas no Brasil no início do século XX, ela surgiu para atender a demanda do próprio Condomínio com o mesmo nome que por sua vez, mantinha uma creche (clube de mães) para os filhos dos moradores nas suas dependências. Nascia ali em 1991, a EMEI a partir um acordo entre a Prefeitura Municipal e o Condomínio através de um regime de Comodato onde estudariam os filhos dos moradores e também, as crianças das comunidades carentes vizinhas. De lá até hoje, trava-se diariamente uma disputa entre moradores, a comunidade escolar e o setor jurídico da Secretaria Municipal de Educação (SMED) pois em alguns momentos, até o deslocamento da rua até a escola, que precisa ser feito por dentro do condomínio, é conturbado e dificultado por parte de um grupo de moradores que vem ocupando os cargos de síndicos nos últimos anos.

Como consta na Resolução Nº 5, de 17 de dezembro de 2009 que fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, Artigo 8º inciso VI, “devem ser garantidos os deslocamentos e os movimentos amplos das crianças nos espaços internos e externos às salas de referência das turmas e à instituição”(MEC).

Isso não acontecia e na prática e só vinha a contribuir para a falta de apropriação das famílias por aquele espaço que lhes era de direito.

Tínhamos então, um “caldeirão” de descontentamentos seguindo uma receita que não poderia nunca dar certo. Moradores do condomínio de um lado, e de outro, Escola e SMED(que nem sempre se entendiam), famílias que necessitam dessa escola para deixar seus filhos para trabalhar, ficar em casa ou seja lá qual fosse a sua necessidade e finalmente, lá no final da fila, crianças que só queriam segundo elas próprias, brincar. As crianças enquanto principais protagonistas daquele processo, sabiam que tinham que ir para a escola, mas não tinham clareza do real motivo!

Os instrumentos preparados inicialmente para entender essa falta de entendimento da real função da Escola Infantil, entre os envolvidos e também para incluir nas discussões os quase 50% novos educadores que haviam chegado no tanto na escola mas na Prefeitura Municipal de Porto Alegre(PMPA) no início de 2015, foram disponibilizados a todas as equipes de sala, os documentos norteadores para a Educação Infantil no município de Porto Alegre :O PPP até então da escola e Parecer CEB/CNB 20/2009, das DCNEIs.

Em um segundo momento, preparei entrevistas para serem feitas com as famílias, educadores da turma e as crianças do Jardim B .

A ideia principal, foi começar as entrevistas com as crianças e suas famílias no início de fevereiro mas com as férias e a pequena presença dos envolvidos no processo neste período, precisei esperar até meados de março para ter dados mais representativos. Nesses momentos, confirmei a minha hipótese inicial a respeito das concepções de escola infantil das crianças e dos educadores novos (estagiárias e monitor). A professora turma por outro lado, tinha noção com exceção da professora que tinha a noção da das propostas da PMPA por já estar na Rede Municipal há alguns anos e também pelo seu comprometimento pedagógico com o protagonismo das crianças.

Neste primeiro momento, a minha surpresa ficou por conta das respostas das famílias. De uma maneira simples mas muito clara, todos manifestaram terem uma certa noção da escola ser um espaço de aprendizagem e cuidados, ainda que voltados para a preparação para o ensino fundamental.

A entrevista que descreverei a seguir, expressa o conceito coletivo das entrevistas dos pais:

Entrevistadora: O que você sabia sobre a Educação Infantil antes de fazer parte dessa escola?

Mãe: Pensei por muito tempo que seria um lugar onde as crianças eram deixadas e os funcionários cuidavam.

Entrevistadora: Qual é a sua opinião hoje?

Mãe: Local de aprendizado, com horários determinados/organizados, onde nossos filhos aprendem a se desenvolver como pessoas, e tem base para as próximas séries.

Entrevistadora: O que as crianças fazem no período em que estão na Escola Infantil?

Mãe: Penso que tem horário para brincar e horário para desenvolvimento.

Entrevistadora: Qual é a habilitação necessária para os profissionais que trabalham em uma escola de educação Infantil?

Mãe: Devem ser professores qualificados, não gosto muito de monitores.¹

Entrevistadora: Quais são suas críticas, comentários ou sugestões sobre o trabalho desenvolvido na EMEI Vale Verde em 2014?²

Mãe: Pedro Henrique veio para a EMEI Vale Verde no Berçário, creio que o aprendizado que ele leva será para o resto de sua vida...

Esta mãe era representante do segmento de pais no Conselho Escolar. Largava seu filho às 7 horas e ia trabalhar com telemarketing para depois buscá-lo por volta de 18h30min. O que aparece em suas palavras, é o retrato da transformação que ela passou depois que começou a participar do Conselho Escolar. Nós como equipe diretiva, apostamos desde o início nessa aproximação com as famílias. E essa mãe assim como todos os pais que fizeram parte do Conselho na nossa gestão, eram participativos, críticos e parceiros da escola pois ao se sentirem incluídos, se apropriaram do espaço que era seu por direito e buscando uma Escola a cada dia melhor para não só os seus filhos mas para todas as crianças que ali estavam e até outras tantas que não haviam sido contempladas com a vaga.

No decorrer dos meses de fevereiro e março, entrevistei as crianças do Jardim B e inicialmente, expliquei a elas que estava estudando pra ser uma vice-diretora melhor e que além da minha professora “de gente grande e diretoria” como um menino disse, eles poderiam me ajudar muito afinal de contas, a escola era para crianças e as crianças deveria saber mais que nós adultos, como seria uma escola legal.

Uma delas, a Manuela, desde o início mostrou muito interesse em participar de tudo que eu propunha e pedia para ficar perto de mim sempre que era possível, acompanhando o que estava acontecendo. A seguir descreverei sua primeira entrevista no dia 24 de março.

Entrevistadora: Qual é o seu nome?

Criança: Manuela

Entrevistadora: Qual é a sua idade?

Criança: Cinco.

Entrevistadora: Que lugar é este que nós estamos?

Criança: Na direção. Na frente da escola.

Entrevistadora: O que as crianças vêm fazer aqui?

Criança: Brincar, desenhar, fazer atividade, brincar no pátio e na sala.

Entrevistadora: E os adultos?¹

Criança: Vem pra cuidar das crianças.

Entrevistadora: O que você gosta daqui?

Criança: Eu gosto de brincar na sala e ficar acordada na cama². E de brincar no pátio com as amigas de bola, de professora e com o professor Marcelo.

Entrevistadora: Tem algo que você não gosta na escola.

Criança: Não gosto de vir pra escola.

Entrevistadora: Por que?

Criança: Porque é difícil acordar cedo. Depois eu gosta daqui.

Entrevistadora: O que você mudaria na Vale Verde se fosse possível?

Criança: Mudaria as crianças. Até eu mudaria. Eu seria a professora do Berçário 2 porque eu não me lembro de mim no Berçário.

Entrevistadora: Como seria a escola dos seus sonhos?

Criança: A escola ia ser um colégio onde as crianças estudam e têm 11, 12 anos. As crianças iam ter caderno, estojo. O prédio ia ser todo colorido, até cinza. Podia ter umas profes novas que iam treinar pra ser boas. As crianças iam brincar com os colegas e não iam brigar com os colegas, iam ser educadas. No pátio ia ter um jacaré de mentirinha, tipo uma ponte e uma boneca da Peppa de brinquedo. Nessa escola eu ia ser diretora professora que nem tu era no JB. Ia fazer reunião sozinha e com outras pessoas. E ia dar gelo pra ajudar os colegas.

Nessa conversa com a Manuela, percebi como ela era articulada e atenta aos mínimos detalhes do que acontecia não só na escola naquele tempo histórico que estávamos vivendo, mas lembrava de situações do passado como quando ela estava no Maternal 2 e eu era professora do Jardim B antes de assumir a vice-direção. A sua sinceridade ao dizer que não gostava da escola me fez pensar rapidamente para entender aquela resposta. Ela não gostava de acordar cedo e nem dormir após o almoço. E naquela conversa, tive mais uma vez a prova da importância de ouvir o que as crianças querem dizer e não o que às vezes nos limitamos a escutar.

As outras conversas que tive com as crianças foram tão significativas tanto para mim quanto para eles que se sentiram ouvidos e se sentiram valorizados. Às vezes eu levantava os olhos da minha mesa de trabalho na direção e dava de cara com alguns olhinhos espiando no canto da porta. Ao serem perguntados o que estavam fazendo ali, respondiam que” só queriam ver se eu não precisava perguntar mais nada pra eles.

Após as entrevistas, o registro de como seria a escola dos seus sonhos foi feito com lápis de cor em uma folha escolhida especialmente por cada uma das crianças.

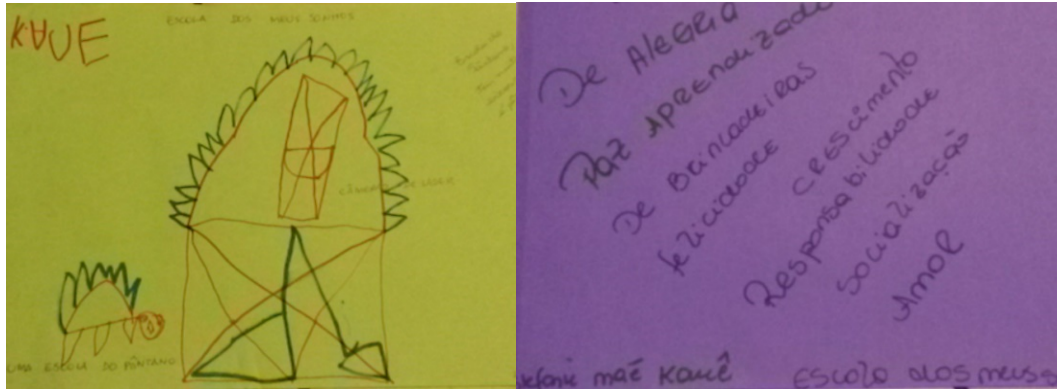


O interessante, foi descobrir na fala, nos gestos e nos registros gráfico-plásticos no desenho da **Isabelli**, que a escola dos sonhos deles estava muito próxima da nossa realidade. Se por um lado, ali se manifestava um retrato muito fidedigno da nossa realidade, por outro, aquele modo de registrar a escola, me fazia sentir um pequeno desassossego pela dúvida que eu sentia. Será que eles realmente gostavam daquele espaço ou simplesmente já traziam consigo na fala e até no desenho estereotipado, o peso da história desigual das classes populares ao aceitar o pouco, e até o mínimo em termos de direitos?

Esse referencial de escola, também apareceu de forma sutil no levantamento que fizemos a respeito das condições de moradia e entendimento todas as famílias da nossa comunidade sobre a escola como um lugar de aprendizagens e não somente, um depósito onde as crianças ficam para serem cuidadas.

Em outra oportunidade, convidei os pais da turma e os representantes do segmento de pais e alunos (na escola infantil as crianças são representadas por seu pais) no conselho Escolar para que assim como as crianças haviam feito, que também registrassem com seria a escola dos seus sonhos.

Registros gráficos do Kaue(JB) e de sua mãe Stefanie.



Nessas imagens, temos a ideia do Kaue e de sua mãe sobre a Escola dos seus sonhos. Ele no mundo encantado dos dinossauros e todas as precauções necessárias para as crianças não serem devoradas por eles enquanto estivessem no pátio. Já sua mãe, falou que sonhava com um lugar respaldado pela alegria e principalmente pelo amor.

Esse acolhimento diário às famílias é um dos pilares da Gestão Democrática. Na sociedade desigual em que vivemos, a Escola acaba sendo o único lugar que essas pessoas são ouvidas, mesmo que seja um para receber um não as suas demandas. Em uma outra ocasião, quando fui professora da sua filha mais velha, esta mãe me disse: “A gente sabe que vai deixar nossos filhos aqui contigo e eles vão ir pra casa muito melhores do que chegaram. Mais espertos e umas pessoas melhores”. Rebatí dizendo que eu não era a única responsável pelas aprendizagens na escola e ela me trouxe outra lição de vida “quem não cuida do seu galinheiro, uma hora chega lá de noite e vê que ele está vazio”. De uma maneira simples, essa mãe explicou a importância do gestor estar atento aos seus deveres como representante do Poder Público de modo a garantir que os direitos sejam respeitados e os deveres cumpridos,

Um momento ímpar nessa caminhada até aquele momento, foi quando as já conhecidas Manuela e Isabelli, insistiram muito para ficar ajudando a direção em um desesperado “fazemos qualquer coisa e ficamos bem quietinhas”. Ali surgiu a ideia por de elas trocarem de papel comigo e com a diretora e comigo. Como em um passe de mágica, ganhei trancinhas como a Manuela e a diretora Carla, um rabinho de cavalo idêntico ao da Isabelli. Feitos os preparativos, trocamos de lugar respectivamente com a com a dupla. Enquanto a diretora Isabelli “Resolvia os problemas” no computador, a vice Manuela, tentava ajudar as meninas Carla e

Roselaine, ou melhor, Isabelli e Manuela, em uma situação muito corriqueira em uma escola infantil. As duas meninas, tiveram que ir para a direção “ conversar e se acalmar” porque estavam desobedecendo a professora e precisando de um “acalmamento” segundo elas com as diretoras.

Essa troca de papéis foi como se tanto eu quanto a Carla , tivéssemos olhado em um espelho mágico ao sermos retratadas pelas meninas. A diretora precisa lidar com toda a burocracia e a vice mais nas questões pedagógicas. Fiquei curiosa e perguntei se a outra vice que sentava ali de vez em quando, uma tal de Roselaine ajudava as crianças a ficarem mais tranquilas ou era muito braba. E para meu alívio ela respondeu: - Ah, aquela lá nem um pouquinho, ela só ajuda a crianças que precisa se acalmar, dá folhas bem pequenas de bilhetes e até deixa desenhar com as canetas dela, assim as criança se acalmam melhor respondeu Manuela. Nessa hora, o meu coração se encheu de alegria...

Da esquerda para direita sentadas na frente: as crianças Manuela e Isabelli. No computador, a diretora Carla e sentadas na frente das crianças a vice- diretora Roselaine.



De repente a Isabelli (Carla), foi chamada por uma outra professora e então a vice- diretora Roselaine(Manuela) disse que precisava me fazer umas perguntinhas para mim. Aquele momento levou – me de volta a minha essência de criança, de uma forma inimaginável e fez um entrelaçamento com o meu presente. A narrativa foi filmada e será descrita abaixo:

Vice Manuela: O que tu gostaria de ter que tu amasse assim na tua vida?

Roselaine: - Onde?

Vice Manuela: -Aqui na escola.

Roselaine: -Eu gostaria que aqui na escola as crianças brincassem mais no pátio de areia.. Porque o pátio de areia é um lugar muito legal nessa escola..¹

Vice Manuela: -E o que mais?

Roselaine: -Eu gostaria que as crianças ficassem felizes quando elas estão brincando.

Vice Manuela: - Agora eu quero saber outra coisa?

Roselaine: -Eu posso dizer outra coisa?

Vice Manuela: -Pode.

Roselaine: -Eu quero que as crianças venham sempre pra escola e fiquem muito felizes.

Vice Manuela: -Agora eu vou te responder uma coisa?

Roselaine: -Responder ou perguntar?

Vice Manuela: -Responder. O que tu queria que tu seja?

Roselaine : Eu acho que eu queria ser professora que nem tu.

Vice Manuela: - Que professores tu gosta?

Roselaine - : Eu gosto de ti.

Vice Manuela:-Não é professora, é professor.!

Roseline:- Ah, professor homem? Podem ser dois?

Vice Manuela: -Sim.

Roselaine: Eu gosto do Marcelo e do Lucas.

Vice Manuela: -E qual é a profe tu gosta?

Roselaine: Eu gosto de duas, que eu gosto muito de fazer as aulas delas: a profe Eliane de educação física e a profe Lisandra de música que eu adoro tanto que não quero que não termine nunca as aulas dela.

ViceManuela: - E agora, olha só, quem tu gostaria de ser? Num castelo mal- assombrado. O que tu gostaria de ser?

Roselaine: -Eu gostaria de ser uma bruxa que nem a CUCA do Sítio do Pica Pau Amarelo porque eu morro de medo de morcegos e eu acho se eu fosse poderosa como a CUCA, nenhum morcego ia me assustar.

Vice Manuela: - Depois tu chama a Isabelli(Carla que havia saído da sala) lá pra mim?

Roselaine: Já acabou?

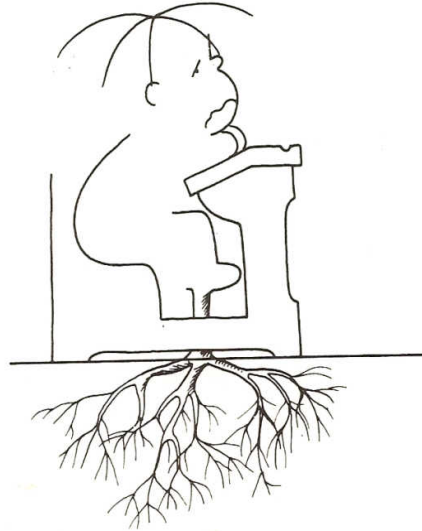
Vice Manuela: -Sim. Chama ela que eu quero conversar com ela.

Depois, enquanto refletia sobre esse momento único, ficou evidente para mim como eu e a Manuela havíamos estabelecido uma bela interação entre os nossos momentos de adultas e crianças, construindo nossas narrativas com elementos do passado e de futuro, em total confiança e harmonia.

Manuela enquanto conversava comigo, foi anotando minhas respostas em um caderno. Como eu fazia nas minhas entrevistas...

5 AÇÕES ANALISADAS

5.1 O que encontrei no início da jornada



Fonte: Tonucci (1997)

Esta imagem de Tonucci, retratava o que em algumas turmas mais, outras menos, a forma que os educadores viam as nossas crianças. Presas às suas cadeiras por tempo excessivo, camas ou mesmo em atividades supostamente lúdicas e construtoras de conhecimentos, sem que elas ou até alguns adultos se dessem conta de que aquela postura de submissão da criança e controle por parte do educador, ia totalmente de encontro ao que aquelas mesmas pessoas acreditava o “certo” e melhor para todos.

Crianças contidas não gerariam comportamento mais calmos, ao contrário, a contenção da energia, agressividade, etc... só trazia mais desconforto às crianças e ao próprio adulto que ficava incomodado com o fato da criança precisar “se mexer” para existir.

Com a necessidade de revermos o nosso jeito de sermos, através da construção de um novo PPP e também com a renovação de 50% do quadro de funcionários, decidi começar pelo conhecimento do que tínhamos como referenciais.

O PPP foi sendo revisto e logo no início algumas questões como planejamento e avaliação trouxeram vários questionamentos por parte tanto dos novos quanto dos funcionários antigos.

Com a ideia de que era necessário conhecer ou mesmo relembrar, fui oferecendo às equipes de sala, os referenciais pedagógicos oficiais para que todos tivessem oportunidade de saber o que estava nas leis e como poderíamos trazer aquelas ideias para a nossa realidade.

. De todos os instrumentos trabalhados, os mais contundentes foram os que traziam as falas das crianças do Jardim B. A elas, perguntei individualmente o que era ser criança, como deveria ser um professor e escola de educação. Ao ouvirem as respostas abaixo apresentadas para os educadores em uma das formações, onde discutíamos os mesmos conceitos, uns adultos se calaram, alguns riram e outros se envergonharam.

O que é?

CRIANÇA	PROFESSOR/EDUCADOR	ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL
É pequeno e tem cinco anos.	Tem que ser mansinho.	Onde a gente fica pra aprender e brincar.
Fica com saudade dos pais quando está na escola.	É bonito. Bota DVD pra gente ver.	E onde as crianças ficam para as mães e as avós trabalharem
Tem que brincar com os colegas e não pode bater nos colegas.	Coloca de castigo no banco se alguém briga.	É boa mas é braba.

Foi uma sacudida e tanto pois do alto dos seus empoeirados “pedagogismos”, alguns educadores se viram retratados com outros olhos, com o olhar desprovido de qualquer tipo de regulador moral da nossa sociedade. Foi um desafio e tanto e o que vinha pela frente, não seria fácil. Enquanto ouvia e depois relia o que cada um pensava, sentia que teríamos muito trabalho ainda pois além dos funcionários novos, somente uma minoria dos antigos, tinha ideia do quais eram os documentos orientadores oficiais para a Educação Infantil. Por outro lado, seus direitos como funcionários públicos, todos tinham na ponta da língua.

Além disso, ampliamos as conversas com os educadores. Atitudes de desrespeito não foram mais permitidas entre os funcionários e manejos inadequados

com as crianças, foram inicialmente orientados e na reincidência da atitude, medidas administrativas tiveram que ser tomadas. Não podíamos pensar em uma escola para as crianças quando uma delas era obrigada a ficar sentada em um banco pra pensar, sem a intervenção do educador que no mínimo era pago para mediar os conflitos.

Em resposta, uns poucos educadores mais resistentes a mudanças, fizeram cara feia e pelos cantos comentavam o seu desagrado mas por outro lado, os que chegaram novos , logo assumiram o desafio de conhecer e fazer da escola um lugar melhor pra todos.

5.2 O Que era preciso mudar



Fonte: Tonucci (1997, p. 126)

Muita coisa! Mas pra começar, cada um deveria olhar pra dentro de si e descobrir o que estava fazendo ali. Uma coisa todos tínhamos em comum: TRABALHAR. Ninguém estava ali pra passar o tempo nem por dinheiro certamente.. Cada um de nós era um profissional, não importando o cargo, que tinha assinado um compromisso de trabalhar com crianças pequenas e deveria fazê-lo com qualidade.

Em uma formação onde discutíamos os nossos fundamentos, trouxe mais uma vez essa questão do porque estávamos ali. Depois fiz outra pergunta: Alguém aqui não gosta de crianças ou de gente? O povo então me olhou como se eu tivesse falado chinês e então repeti a pergunta. Algumas pessoas disserem que sim e com essa deixa, falei que se alguém não gostasse de crianças ou pessoas, estavam no lugar errado e que todos ali tinham a obrigações de fazer o seu trabalho.

A essa altura, discutíamos o conceito **CRIANÇA** e a minha insistência na compreensão dos diferentes papéis de todos, especialmente no das crianças, era fundamental para que pudéssemos seguir adiante.

Tinha a convicção de que se mostrássemos para as famílias um trabalho diferenciado da porta da entrada até o relato que as crianças fariam em casa sobre suas aprendizagens na escola, certamente suas concepções sobre a escola infantil ser um cabide de crianças, onde os pais largam correndo no início da manhã e recolhem no início da noite.

Conforme o ditado popular, uma andorinha só não faz verão mas no nosso caso, senti que era meu papel ajudar as pessoas a se darem conta da sua responsabilidade naquele processo.

5.3 Minha proposta de ação

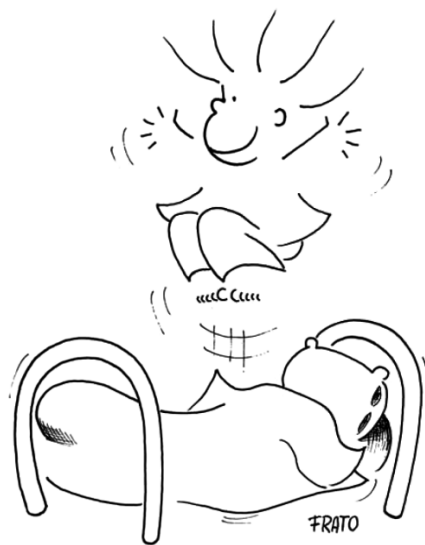


Fonte :Disponível em: <<http://ceivillajardin.com>>

Após ler as entrevistas iniciais, percebi que de nada valeria todo o meu estudo e principalmente esforço, se o coletivo não acreditasse na minha proposta de dar voz às crianças para que elas exercessem seus direitos de manifestar suas percepções e através disso, serem respeitados. Durante as formações mensais da

escola, nas reuniões semanais de equipe e em momentos diversos, foi oportunizado a todos da escola e também aos familiares, a oportunidade de trazerem suas opiniões para as discussões. A maioria estava interessada em contribuir mas em certas situações, a pesquisadora teve que assumir o seu lugar como vice- diretora para garantir a organização e a participação de todos no processo, mesmo que só pela presença, falando ou apenas consentindo. Aquele era o momento de respeitar a todos que estavam fazendo parte daquele enredo, especialmente as crianças.

5.4 O Processo de mudanças



Fonte:Disponível em: <<http://www2.rosasensat.org/>>.

Não foi um caminho fácil porque ele pressupunha mudanças de paradigmas. Mudança de atitudes interiorizadas há muito tempo dentro de nós, não só como educadores mas também como os alunos que fomos um dia.

Tive que aprender a esperar o tempo de cada um e entender também que algumas daquelas pessoas por opção, pensavam de outra forma. De um jeito mais duro e adultocêntrico. E com isso, precisei achar um equilíbrio entre as convicções pessoais de cada um, entre o que podiam optar como prática e o que de jeito nenhum poderiam fazer pois algumas ideias, não consideravam a criança como parâmetro de si mesma. Avanças dois passos e retroceder um. Ir com calma e chegar em um consenso. No papel conseguimos dar o pontapé inicial, e daqui pra frente, O maior desafio, será ter uma teoria que caminhe em comunhão com a prática.

Seguiremos agora com o pensamento no coletivo, em situações que garantam a escuta e o olhar de e para todos, principalmente para as crianças. Com a alegria e o respeito. Todos os dias.

5.5 Um caminho a seguir



Fonte: Disponível em: <<http://www.fundacionnoble.org.ar/2014/08/el-pedagogo-italiano-franceso-tonucci.html>>.

Seguiremos agora com o pensamento no coletivo, em situações que garantam a escuta e o olhar de e para todos, principalmente para as crianças. Conforme o que nos diz BARBOSA(2009),

“é igualmente importante destacar que a participação das crianças nas opções e decisões no coletivo da escola não se reduz à atenção aos desejos individuais e interesses momentâneos de um grupo, muito menos à espera dos adultos pela “clareza” das “palavras” que comunicam interesses ou opiniões naquilo que as afeta no coletivo. Antes, supõe considerar que a participação das crianças na gestão da escola acontece processualmente, em diferentes níveis, o que implica mudanças nas práticas cotidianas.

O caminho se fará também no imprevisto e no inusitado, no maravilhamento, no exercício do olhar e na possibilidade de se reconhecer como importante. Na organização e no planejamento de um currículo voltado para a infância, pensado por pessoas que querem fazer a diferença tanto no mundo como em si, mesmo que doa um pouco mas com a certeza, que a dor faz parte da alegria e do amadurecimento de todos nós , mesmo que tenhamos só 5 anos.

6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES



Fonte: Disponível em: <<http://www.aulascreativas.net/blog/la-educaci%C3%B3n-p%C3%ABlica-seg%C3%BAn-tonucci>>.

A cada nova eleição de diretores para as escolas municipais do Município de Porto Alegre, há um menor interesse parte dos professores em serem gestores. Segundo a própria secretaria de educação, na última eleição, na ausência de candidatos ou na desqualificação de outros, equipes diretivas foram indicadas pela SMED. Penso que os motivos são os mais variados mas os citados mais frequentemente pelos colegas, são a excessiva dedicação pessoal que deve ser reservada ao cargo, a diminuição cada vez maior de investimentos na educação por parte da PMPA e também a discordância com as políticas da atual secretaria de educação do município.

Este não foi o meu caso. Só me candidatei ao cargo de direção por ter uma pessoa que compartilhava das mesmas ideias que eu a respeito da educação e principalmente, para poder ver e sentir a escola de outra perspectiva.

Ao pensar em uma educação de qualidade, deparei-me com o primeiro obstáculo por parte de um grupo mais antigo da escola: a própria eleição. Fomos eleitas por uma funcionária do quadro, alguns professores mas o que realmente garantiu a nossa vitória, foram as famílias que conheciam a Carla por ser vice-diretora na gestão anterior e a mim, por ser professora na escola. Por isso, pelos conceitos de gestão democrática e principalmente pelo protagonismo infantil, mesmo que precisássemos retroceder para então avançar, daríamos o melhor de nós para que a EMEI, fosse a diferença na vida de quem de alguma forma fosse perpassada por ela.

Ao chegar ao fim dessa pesquisa, está claro para mim que estamos no caminho certo. No início, todos nós da EMEI, e aí me incluo, vivíamos em estado de estagnação e queixa sobre a falta de valorização das famílias “justo a nós, que nos dedicávamos tanto”... .Esta ideia reflete, na verdade, a nossa própria postura equivocada de que o professor, a escola e a academia devem ser saudados como detentores do conhecimento e do poder.

As famílias e principalmente as crianças, percebem essa farsa. As cruéis relações de poder na nossa sociedade por si só, já são suficientes para promover e perpetuar a manutenção das desigualdades. A Escola, enquanto espaço de direitos, deve zelar não só pelo acesso a ela, mas, principalmente, deve oferecer qualidade e não só tempo perdido.

Considero muito positiva a proposta de Gestão democrática que valoriza a participação diária de todos os membros da comunidade escolar nos seus processos. A participação das crianças, de fato, permitiu que elas tivessem voz. Além disso, foi possível ver algumas mudanças, desde o olhar nos olhos dos outros, ficar feliz pela alegria do outro, não importando o papel de cada um naquela jornada.. Claro que alguns poucos ainda resistem, mas sinto que outros talvez sonhadores, assim como eu, estão empenhados em fazer o seu melhor, mesmo que para isso, tenham que passar por momentos que quase nos fazem desistir nas mais diferentes circunstâncias.

Com o surgimento de novos questionamentos, entendo que ainda estamos no início do caminho. É quase como se estivéssemos nascendo de novo! Estamos nos despindo daquilo que nos constituía para usar uma roupa completamente diferente daquelas que já conhecíamos. Levaremos conosco o velho casaco da burocracia que não pode faltar, mas dentro de nós, também, vai a certeza de que o mundo e, principalmente, a educação não avançaram para o bem comum sem lutas e coragem.

São muitos os sonhos de escola ideal a serem sonhados. Eu, pessoalmente, sonho com a Escola que na entrada está escrito “Aqui é um lugar de gente feliz, não importa sua altura, espessura, cor ou sabor. Aqui o que importa é simplesmente ser...” Tinta e pincel já tenho. Agora só me resta, seguir adiante, não tem outro jeito.

Acredito que o meu objetivo principal de trazer as crianças para participarem da construção deste novo PPP, foi o início de uma grande mudança não só na vida das crianças que tiveram a oportunidade de desempenharem o seu protagonismo

na escola, mas de todos que tiveram sua vida perpassada por essa ideia. As famílias que se sentiram incluídas, os educadores de sala que refletiram sobre algumas verdades que pareciam absolutas, os funcionários de outros setores como cozinha, limpeza e secretaria.

Como equipe diretiva, tivemos muitos desafios, ouvir as crianças e os adultos, no carinho e na autoridade para manter a paz, os direitos e os deveres. Na dedicação total para fazer da escola um lugar de brilho nos olhos e sorriso escancarado na cara. Com as crianças e a maioria dos educadores felizes por estarem lá e as famílias se sentindo parte e o reflexo do que diz PARO,

:

Se, todavia, concebemos a comunidade – para cujos interesses a educação escolar deve voltar-se como real substrato de um processo de democratização das relações na escola, parece-me absurda a proposição de uma gestão democrática que não suponha a comunidade como sua parte integrante (PARO, 2000, p. 15)

Mas de tudo isso, o mais importante foi me descobrir imperfeita e em alguns momentos, até ultrapassada, mas também forte, decidida e maravilhada com a maneira incomparável que as crianças têm de dizerem as coisa quando lhes é dada a oportunidade.

Sei que ainda teremos uma longa jornada pela frente e que mesmo chegando término do PPP, ela que não se encerrará pois as pessoas e a sociedade estão em constante mudança, assim como o olhar dos pequenos e o escutar dos maiores. Tendo isso em mente, que no encontro dos dois, esteja o respeito e admiração mútuos.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmem Silveira; FOCHI, Paulo Sérgio. O desafio da pesquisa com bebês e crianças bem pequenas. **IX ANPEDSul – Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul**. 2012.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Tempo e cotidiano – **Tempos para viver a infância. Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, v.31, n.61, p.213-222, nov. 2013.

FLORES, Maria Luisa. ALBUQUERQUE, Simone Santos(org). **Implementação do Proinfância no Rio Grande do Sul : perspectivas políticas e pedagógicas** [recurso eletrônico] / Dados Eletrônicos. – Porto Alegre : EDIPUCRS, 2015. 322 p.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**, Brasília. 1991.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394 , de 20 de dezembro de 1996. Brasília.

_____. Conselho Nacional de Educação(2009). **Parecer CNE/CEB nº20**, de 11 de novembro de 2009.

_____. Conselho Nacional de educação(2009). **Resolução CNE/CNBnº5**, De 17 de dezembro de 2009.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação Infantil**. Resolução 005/2009.

CAMPOS, Maria Malta. **Critérios para um Atendimento em Creches que Respeitem os Direitos Fundamentais das Crianças**.6.ed.Brasília: MEC,SEB,2009.

CASTRO, Grazielli Vieira Maia de. Pesquisa na Educação Infantil e a participação das crianças pequenas. Uma metodologia possível! **Revista do Instituto de Ciências Humanas**, v.7, n.7, p. 43-54, jan./jul. 2012.

CARNEIRO, Moaci Alves. **LDB Fácil: leitura crítico compreensiva**, artigo a artigo. 21.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

FARIA, Vitória Líbia Barredo de. **Currículo na Educação Infantil; Diálogo com os Demais Elementos da Proposta Pedagógica**.2.ed.São Paulo: Ática, 2012.

GOLDSCHIEMED, Elinor. **Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creche.** 2.ed. Porto Alegre: Grupo A, 2006.

FLORES, Maria Luíza R. Flores. ALBUQUERQUE, Simone Santos (org.). **Implementação do Proinfância no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Artmed, 2015.

KRAMER, Sônia. Autoria e Autorização. **Cadernos de Pesquisa-CC**, nº116, p. 41-59, jun.2002.

MOYLES, Janet R. **Só Brincar?** O papel do brincar na educação infantil. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

OLIVEIRA, Zilma Ramos(org.). **O Trabalho do Professor na Educação Infantil.** São Paulo: Biruta, 2012.

O QUE revela o espaço escolar? - **Um Livro para Diretores de Escola.** Comunidade educativa CEDAC Editora Moderna. Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Projeto Político Pedagógico EMEI Vale Verde, 2011.

PARO, Vitor Henrique. **Gestão Democrática da Escola Pública.** 3.ed. São Paulo: Ática, 2000.

PORTO ALEGRE,. Conselho Municipal de educação(2001). **Resolução CME/Resolução nº003**, de 25 de janeiro de 2001.

PORTO ALEGRE,. Conselho Municipal de educação(2001). **CME/Resolução nº004**, de 4 de outubro de 2001.

TONUCCI, Francesco. **40 ANOS com Olhos de Criança.** Porto Alegre: Grupo A, 2008.